

Cogitações sobre *experiências emocionais* e *intuições* a partir da experiência com o atendimento psicanalítico a distância^[1]

João Carlos Braga^[2]

RESUMO: Algumas questões sobre minha mudança de prática psicanalítica do presencial para o on-line ganharam melhores condições para serem examinadas passados seis meses. Neste trabalho, pretendo aprofundar algumas dessas questões que têm chamado mais minha atenção. Divido o que vou discutir em duas partes: (1) uma coletânea de ideias que formei sobre os efeitos na prática clínica da mudança do *setting* presencial para o virtual, e (2) algumas conjecturas envolvendo o ponto que me pareceu ser mais significativo com a passagem do atendimento psicanalítico presencial ao atendimento a distância. Nesse ponto, destaco minha impressão de uma significativa mudança no espectro de recursos que compõem minha função analítica, que sintetizo como uma diminuição na presença de experiências emocionais disponíveis e um acréscimo marcante na utilização de intuições.

PALAVRAS-CHAVE: atendimento psicanalítico on-line, experiência emocional, intuição

1. Texto baseado em trabalhos apresentados (1) em *webinar* do Departamento Científico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) em 17 de junho de 2020, juntamente com Cecil J. Rezze e Julio Frochtengarten; (2) em uma reunião do grupo de estudos Des-amparo e a Mente do Analista, coordenado por Walkiria Nunez Paulo dos Santos, em 22 de agosto de 2020; e (3) em dois estímulos apresentados nas reuniões Conversas Psicanalíticas, na SBPSP, coordenadas por Antônio Carlos Eva e realizadas em 19 de setembro e 17 de outubro de 2020.

2. Médico e psicanalista. Doutor em medicina. Membro efetivo e analista em função didática da SBPSP e do Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC).

Completando seis meses da mudança do atendimento psicanalítico presencial para o atendimento a distância, algumas questões sobre esta nova prática já ganham melhores condições para serem examinadas. Neste trabalho pretendo aprofundar algumas delas que me têm ficado mais chamativas.

Divido o que vou discutir em duas partes: (1) um apanhado de ideias que formei sobre os efeitos, na prática clínica, da mudança do *setting* presencial para o virtual; e (2) algumas conjecturas envolvendo o ponto que me pareceu ser mais significativo com a passagem do atendimento psicanalítico presencial ao atendimento a distância. Nesse ponto, destaco minha impressão de uma significativa mudança no espectro de recursos que compõem minha função analítica, que sintetizo como uma diminuição na presença de experiências emocionais disponíveis e um acréscimo marcante na utilização de intuições.

Algumas ideias sobre a passagem do atendimento psicanalítico presencial para o on-line

1) O alto desgaste emocional (“cansaço”) das três ou quatro primeiras semanas de atendimento on-line, que vinha dando mostras de diminuir progressivamente, de fato desapareceu quase completamente. Usando a metáfora da “calibragem” do meu instrumento de trabalho (minha mente) para a nova condição, a impressão é de que o ajuste ocorreu e está estabilizado. Reconheço que há modificações na minha maneira de me sentir na nova condição: avalio que experimento um envolvimento maior no exercício da atividade analítica on-line, com destaque para uma maior percepção de meus movimentos de ampliar ou de me restringir na interação emocional nas sessões.

2) Ganhou força para mim a hipótese de que esse desgaste emocional inicial correspondeu a uma mudança na forma de estar na relação analítica. Paradoxalmente, estou trabalhando com a ideia de que a mudança de *setting* forçou um aprofundamento do envolvimento no trabalho analítico para ambos os componentes da dupla analítica. Associo esta mudança com a observação de Bion sobre os desconfortos e os temores do analista ao mudar sua aproximação com a mente do analisando, ao este aceitar o referencial do *tornar-se a realidade*.

3) Um aspecto primário nesta mudança de *setting* é a forte diminuição do influxo sensorial, forçando mudanças no “*setting* interior” do analista, independentemente de seus referenciais teóricos. Impôs-se para mim a semelhança que percebo nesta observação com as diferenças que identifico entre o Bion descrito na sala de análise por Junqueira de Mattos (1981/2018a, 1981/2018b) e o Bion que acompanho nas supervisões de 1978 em São Paulo. Nas descrições de Junqueira de Mattos, refiro-me ao posicionamento centrado na relação analítica e nas supervisões, no valer-se fortemente de intuições. Nesta analogia, aproximo também as similaridades com a grande redução de elementos

colhidos em primeira mão sobre o analisando (experiências emocionais?), tanto no *setting* virtual quanto nos grupos de supervisão e, em segundo lugar, a participação do analista baseando-se em intuições.

4) Houve uma situação nova que se apresentou para mim nos atendimentos clínicos e que interpreto como decorrente das mudanças na relação analítica descritas até aqui. Com surpresa, acompanhei, em todos os atendimentos em alta frequência (seis) e em um em baixa frequência, mudanças psíquicas significativamente favoráveis, no sentido de desenvolvimento e utilização de recursos mentais que até então pareciam não disponíveis. Pareceu-me uma questão de muita relevância, que ainda não me vejo em condições de explorar, mas que gostaria de apontar aos colegas, indagando se isto também seria uma observação que tenham feito. Minha conjectura racional é tomá-las como confirmação de que algo muito significativo ocorreu na relação analítica com a mudança de *setting*. Formulo, tentativamente, a hipótese de que experimentei uma modificação no *blend* de minha função analítica, promovendo um deslocamento maior de ênfase no examinar a relação analítica para o de me colocar em uno com o que evolve na mente do analisando. Conjecturo, também, que esta mudança traga, para o analisando, a percepção de um analista mais real.

5) Ganhou maior clareza para mim a hipótese de que desenvolvi uma nova postura analítica com o trabalho on-line. Ficaram fortalecidas as observações iniciais de estar mais envolvido na experiência do analisando, mais espontâneo, de estar recorrendo mais a intervenções que buscam esclarecimentos sobre situações ambíguas e de estar me comunicando de maneira mais coloquial e informal. Especifico melhor estas impressões com a ideia de que o eixo do trabalho analítico se deslocou da primazia de observações sobre a relação analítica para um foco na experiência psíquica do analisando.

6) Continuei examinando, em especial, as vivências que denomino *experiência emocional* e *intuição*. Também me detive em examinar mais aprofundadamente esses conceitos na obra de Bion e na de autores que dela se valem. O que exponho a seguir sintetiza alguns pontos a este respeito, por considerar que desempenham um papel central no que tenho observado.

Algumas cogitações sobre *experiência emocional* e *intuição* no atendimento psicanalítico on-line

Ideias gerais sobre *experiência emocional* e *intuição*

Vejo *experiência emocional* e *intuição* como condições prosaicas no funcionamento mental de qualquer indivíduo que tenha alcançado a habilidade de formar pensamentos a partir de suas experiências. Em condições privilegiadas, como em uma sessão de psicanálise, experiências emocionais e intuições alcançam uma importância germinal. Como conceitos, vão encontrar diferentes valorizações, dependendo do

referencial teórico adotado pelo analista.

Nossos conceitos psicanalíticos são frutos de observações empíricas e sofrem importantes mutações nas tentativas do observador de os abstrair e formular em nível necessário para publicação. Os conceitos *experiência emocional* e *intuição* têm destino idêntico ao das condições que temos chamado de *transferência*, *identificação projetiva*, *repressão* e tantos outros mais. Ou seja, em um grupo razoavelmente homogêneo, variam bastante as diferenças no alcance, no significado e no uso desses conceitos, assim como também acontece com o passar do tempo para um mesmo pensador. Aqui tento diminuir esses problemas de comunicação indicando que meu viés é o da obra de Bion, identificando de onde nela tomo as referências, ilustrando-as com descrições clínicas e reconhecendo que esta é minha forma de pensá-las hoje.

Experiência emocional e intuição no atendimento psicanalítico a distância

O ponto mais significativo que observei foi o de me perceber, enquanto analista, em uma forte diminuição inicial de minha atividade de “sonhar os eventos imediatos da sessão”. Entendi esta mudança como tendo ocorrido pelo esvaziamento das experiências sensoriais que “carregam” as experiências emocionais, uma vez que o *setting* virtual impõe uma significativa limitação ao influxo de percepções sensoriais. Uma segunda observação, que vi como complementar à primeira, foi que, em minha auto-observação, percebi que havia passado a lançar mão, com maior intensidade, de intuições. Desta última posição faziam parte também uma atitude mais investigativa (o que me colocava mais ativo na relação analítica) e a maior utilização de intervenções tipo “andaimes” (formulações provisórias que buscavam facilitar o evoluir do fragmento de realidade psíquica que tentava se manifestar).

As concepções de experiência emocional e de intuição em Bion, com as quais aqui opero

Trabalho com a compreensão de *experiência emocional* como no meu entendimento foi formulado por Bion em *O aprender com a experiência* (1962/1966, caps. 3, 4, 14 e 15) e em *Transformações* (1965/2004): um fenômeno mental, apreensível na dimensão do sentir, produto final de uma transformação que pode ocorrer nos meios de conhecer (K) ou de tornar-se a realidade (O); seria a emanção de uma emoção primária (amor, ódio e conhecer) que vincula objetos, funcionando como continente e contido, e que necessita adquirir a qualidade de consciência para poder ser transformada pela função alfa no processo de formação de um pensamento por um pensador.

Da mesma forma, trabalho com a compreensão de *intuição* como um conhecimento obtido de forma completa, súbita e sem a intervenção dos processos de elaboração de estímulos sensoriais, como Bion (1981) aponta em *A key to “A memoir of the future”*, verbete “Intuition”, no qual também nos remete a Kant. Assim como as

experiências emocionais, as intuições também ganham características diferentes se transformadas em um meio de conhecer ou de tornar-se a realidade.

Tomo ambos como dois conceitos fundamentais no pensamento de Bion. *Experiência emocional* ascendeu à condição de conceito central em sua teoria do conhecimento (Bion, 1962/1966), a ponto de qualificar uma forma de trabalhar clinicamente nela baseada: a de *trabalhar com ou na experiência emocional*. Por outro lado, praticamente desaparece após *Transformações* (1965/2004). Já a *intuição* ganha presença maior no trabalho de Bion após *Transformações* e adquire a condição de principal referência em seu trabalho clínico, visando o colocar-se em uníssono com a realidade psíquica que evolui no analisando na sessão analítica. Por outro lado, pode-se reconhecer sua presença, como método de investigação da experiência analítica, ao longo de toda sua obra, desde *Experiências com grupos* (1951/1970).

Experiência emocional conceitua uma condição ligada à dimensão do conhecer, ao processo de formação de pensamentos (Bion, 1962/1966); *intuição*, por sua vez, pertence à dimensão do ser ou tornar-se a realidade (Bion, 1970/2007). Mas ambas estão ligadas à experiência do pensar enquanto trabalho mental de apropriar-se da realidade.

Ambas estas condições (*experiência emocional* e *intuição*) são experiências do pensador e perceptíveis subjetivamente como tendo qualidades diferentes e referindo-se a diferentes processos mentais. Nestas condições, ambas carregam as marcas dos meios nos quais ocorrem (Tα: sensório, pensamentos do pensador, alucinatório, tornar-se a realidade) e, assim, ganham características um tanto diferentes.

Na maneira de experimentá-las, por vezes tenho clareza de ter tido uma experiência emocional, assim como, em outras vezes, de ter tido uma intuição. Ao refletir, posso conjecturar o meio em que ocorreram. Ou seja, percebo-me por vezes em um funcionamento mental em que avalio ter experimentado a formação de um pensamento a partir de uma experiência emocional e, em outras vezes, de ter alcançado um pensamento, de forma súbita, inesperada e misteriosa, sem a intervenção dos processos do formar pensamentos.

No entanto, em algumas situações fico em dúvida se estive diante de uma experiência emocional ou de uma intuição. Nestas condições, imagino que esteja em uma área de superposição entre ambas as condições; por exemplo, na ideia de que uma intuição possa provocar uma experiência emocional para poder ser aproveitada como um pensamento daquele pensador. Nesta condição, o conceito de *rêverie*, como o trabalho de elaboração de um pensamento inconsciente, parece-me útil.^[1]

1. Chamou minha atenção a posição de T. Ogden (2020) a este respeito, na contramão do que me parece ser o esforço de Bion para discriminar estes estados emocionais (*rêverie*, experiência emocional e intuição). Em "Psicanálise ontológica ou 'O que você quer ser quando crescer?'" esse autor utiliza o conceito de *rêverie* englobando e indiferenciando esses três conceitos que Bion buscou utilizar de forma discriminada e com maior precisão.

Cinco vinhetas clínicas do período de atendimento virtual

Em vez de recorrer a referências conceituais sobre *experiência emocional e intuição*, recorro a descrições de vinhetas clínicas que, do meu ponto de vista, ilustram como penso estar utilizando clinicamente esses conceitos.

Ilustração clínica de experiência emocional transformada em um meio de conhecer

A sessão evoluía com boa colaboração de Lígia, permitindo o que me parecia ser uma interação favorável, própria à possibilidade de criação de um contato com sua experiência interior. Esse clima muda drasticamente após um comentário meu a partir de ela ter se referido queixosamente à irritação do marido por ela não se conduzir como ele esperava; Lígia fecha-se em um silêncio pesado. Após aguardar por um tempo, faço outro comentário, apontando que a reação de irritação do marido me parecia poder ser algo bastante similar ao que eu estava acompanhando no silêncio em que ela se fechara ali na sessão. Após momentos de hesitação, Lígia concorda e passa a valorizar o que eu havia dito, de forma um tanto exuberante. Começa a fazer associações detalhadas, e eu me dou conta de que vou ficando distraído, embora seu estado de espírito pareça amistoso e colaborativo. Ao me perceber desta maneira, dou-me conta de que estou rejeitando o contato com ela, o que me traz uma discreta frustração. O que assim vivo, considero uma experiência emocional que permitiu a formação de um pensamento em mim, que tomou forma como minha interpretação a seguir. De forma que penso ter sido delicada, intervenho assim que tenho a possibilidade, apontando-lhe minha impressão de que, embora manifestando-se amistosamente, ela me parecia estar encobrendo uma mesma irritação como aquela sobre a qual havíamos conversado um pouco antes. Lígia fica em um silêncio reflexivo por uns dois minutos e passa a associar com situações em que se viu com um incômodo sentimento de culpa.

Ilustração clínica de uma experiência emocional transformada em um meio de colocar-se em uníssono com a realidade

No horário combinado, ocorrem complicações inesperadas na conexão por internet entre analista e analisando. Contornado o problema, esta cena inicial é motivo de comentários pelo analisando, provocando surpresa no analista, pois enfocar experiências diretamente vividas na análise não fazia parte da forma com a qual Alberto se colocava na relação analítica já de vários anos. Alonga-se na descrição, em um clima bem-humorado, de seu ritual de preparação para o encontro virtual com o analista: o ajuste da câmera, a checagem da imagem a ser visualizada pelo analista, os cuidados com o som. Minha surpresa vai aumentando e fica maior ainda com sua fala seguinte, um comentário sobre a experiência que vive com esta mudança no *setting*: sente esse recurso como invasivo, tanto dele para com o analista como do analista para com ele. Detém-se em observações sobre a sensação de um “desencaixe” na situação analítica. O grau de intimidade com o analista é inusitado no histórico da relação analítica,

assim como a liberdade de expressão de suas impressões. O analista percebe também a presença de um tom de moralidade contrariada, sugerindo a satisfação por estar vivendo uma transgressão. A impressão do analista é a de um maior contato, de uma conjunção ainda não vivida na relação analítica. Sua comunicação com o analisando priorizou apontar a revelação de uma sensibilidade pouco demonstrada, acompanhada de uma confiança desconhecida, as quais estavam lhe permitindo perceber e conversar sobre esses eventos ocorrendo na relação analítica.

Ilustração de uma experiência clínica de intuição em um meio de conhecer

O início da sessão de Lucas repete um padrão já conhecido: relata episódios nos quais se envolveu no final de semana (evito, propositalmente, o verbo “viveu”). São descrições detalhadas, sugerindo boa apreensão fatural do ocorrido, acompanhadas de comentários perspicazes. Lucas não revela emoções ao descrevê-las nem aproxima reações internas ou pensamentos estimulados por suas experiências. Não é um relato nem frio nem distante; apenas fatural, sem pessoalidade. Quatro episódios semelhantes assim se sucedem, de ocorrências interconectadas, nos dez primeiros minutos da sessão, nos quais permaneci em silêncio. Acompanhando-o, também não experimentei nenhuma emoção que me chamasse atenção, assim como também nenhum destaque ou curiosidade maior por algum outro evento ocorrendo na relação analítica. Minha atenção ficara no relato, na forma de Lucas fazê-lo e na percepção difusa dos meus movimentos interiores. Sentia-me por inteiro na experiência. Em um processo interno de elaboração, formou-se em minha mente (e digo isso a ele) a compreensão de que as suas descrições são como as de um observador externo que olha e examina atentamente quadros que se desenrolam à sua frente, e que eu conjecturava que também era assim que percebia sua experiência ali comigo. Experimento este pensamento como algo que veio pronto em minha mente, sem o trabalho de elaboração da experiência sensorial e racional sobre o que estava em andamento.

Ilustração clínica de intuição em um meio de tornar-se a realidade

Nos primeiros quinze minutos da sessão, foi ganhando corpo uma sequência de relatos de Lígia de experiências recentes, que o analista identifica terem como denominador comum descrições de modificações em sua forma de vivenciar relações afetivas com pessoas próximas. O ponto mais chamativo era sua maior tolerância, paciência e continência com situações emocionais surgidas. Apontado isso à analisanda, que continua suas descrições no mesmo padrão, em um tom emocional mais forte e incluindo agora a própria experiência de análise. Acompanhando suas expansões, o analista tem uma experiência visual, em estado oníroide, de uma mulher com semblante feliz, carregando muitos pacotes de presentes, na imagem clássica de filmes americanos de véspera de Natal. Toma-a como uma síntese visual (ideograma) do que estava sendo descrito e vivido por Lígia. Utiliza-a para falar da ideia de

estar sendo compartilhado, na análise, um momento especial de nascimento de uma capacidade para tolerar os riscos e temores de uma experiência de grande intimidade emocional. Lígia emociona-se, e o analista também.

Ilustração da ideia de não alcançar discriminação entre uma experiência emocional e uma intuição

Início de sessão. Há algumas associações em torno de um evento no qual Liana se vê “ficando para trás” pelo fato de uma colega ter recebido muitos elogios por um trabalho e pelo desempenho demonstrado em uma tarefa que envolvia toda a equipe, da qual Liana também participava. Aos olhos de Liana, isso colocaria a colega em posição de ser promovida. Reconhece que não se dedicou na tarefa mencionada. Sua fala é de algum incômodo, mas sem uma emoção mais definida. Também ao analista nada parece suficientemente acessível para uma intervenção. Frente a um silêncio maior de ambos, ele faz um assinalamento apontando a situação que para ela se abre: o que ela iria fazer agora com essas compreensões que estava tendo.

Novo silêncio (uns dois minutos). Neste momento, uma imagem impõe-se à mente do analista: uma pessoa jovem (parece ser a do próprio analista em tempos anteriores) tem sua coxa mordida por um pequeno dinossauro (do tamanho de um cachorro grande), que arranca um pedaço considerável da musculatura. Não há emoção com a imagem, mas uma observação de que não foi uma lesão superficial, e sim um dano grande, com rompimento de vasos sanguíneos importantes, que demandariam um atendimento especializado.

O analista não sabe o que fazer com a imagem, não percebe que se encaixe no que está sendo falado, mas aceita a ideia de ser algo que tem a ver com o que está ocorrendo na situação analítica. Guarda-a, e a sessão continua em torno do mesmo tema, por um tempo maior (uns dez minutos), com exemplos de como a analisanda se satisfaz com “trabalhar o mínimo possível”, ao contrário da colega, que se dedica bastante ao que faz e que tem seu desempenho reconhecido. A imagem permanece na cabeça do analista, como um pano de fundo. Próximo ao final da sessão, surge ao analista uma ideia que lhe parece poder ser acoplada à imagem, a partir de uma associação da analisanda. Esta comentava sobre um personagem de filme, amargurado e com dificuldades para relacionamentos afetivos, que conhece uma pessoa que vai, pouco a pouco, promovendo transformações em seu jeito de viver suas emoções. A observação do analista é de como esse personagem amargurado deveria ter sido machucado pela vida, com a intenção de que a analisanda aproxime sua própria condição da desse personagem, o que facilmente ocorre.

Concluindo

Embora reconheça que apresentei minha experiência com o trabalho psicanalítico a distância destacando facetas que me surpreenderam favoravelmente, tenho visto como experimental essa forma de trabalho, aguardando um maior conhecimento

sobre suas peculiaridades. Há cerca de um ano, respondi a uma pergunta específica, expondo minha impressão de que não via o atendimento não presencial como psicanálise, mas sim como uma aplicação da psicanálise.^[2] Hoje, após seis meses de trabalho on-line, tendo a entendê-lo como uma forma de psicanálise. Nele estou reconhecendo as qualidades psicanalíticas tradicionais: um método de investigação da vida mental, de trabalhar terapêuticamente com o não-conhecido pelo indivíduo, acontecendo dentro da quase totalidade dos parâmetros tradicionalmente estabelecidos para a evolução de um processo psicanalítico. Avalio-me operando honesta e eticamente, com respostas dos analisandos que tenho identificado como úteis. Se pudesse escolher, preferiria o contato presencial, mas penso que não mais torceria o nariz para a possibilidade de incluir o trabalho on-line como parte de meus recursos para uma futura prática psicanalítica. Fico imaginando, desde já, que, voltando à forma tradicional, estarei mais preparado para exercê-la, com uma função psicanalítica mais afinada com o contato das dimensões mais primitivas da mente.

Reflexiones sobre *experiencias emocionales e intuiciones* a partir de la experiencia con consultas psicoanalíticas a distancia

Resumen: Algunas cuestiones sobre el cambio de la práctica psicoanalítica presencial para hacerlo de forma online presentaron mejores condiciones para ser examinadas después de haber pasado un período de seis meses. En el presente trabajo, pretendo profundizar algunas de estas cuestiones que me llamaron poderosamente la atención. He dividido lo que voy a discutir en dos partes, (1) una recopilación de ideas que formé sobre los efectos, en el tratamiento psicoanalítico, debido al cambiar un *setting* en presencia para pasar a ser virtual. En este punto, subrayo mi impresión al respecto de un significativo cambio en el espectro de los recursos que componen mi función analítica, que se sintetiza como siendo una reducción de la presencia de experiencias emocionales disponibles y un aumento significativo en la utilización de intuiciones.

Palabras clave: tratamiento psicoanalítico online, experiencia emocional, intuición

Cogitations on *emotional experiences and intuitions* as from the experience in the psychoanalytic distance attendance

Abstract: Some questions related to my change in the psychoanalytical practice from face-to-face to online attendance achieved better conditions to be examined after the change has completed six months. In this article, I intend to go deeper into some of the questions that have been calling my attention. I then divide what I intend to discuss into two parts, (1) a collection of ideas I have

2. Lembro que a expressão “aplicação” era utilizada, décadas atrás, para referir-se à psicanálise de crianças. Também o foi para os críticos das análises condensadas.

formed on the effects in the clinical practice of the change from the face-to-face setting to the virtual one, and (2) some conjectures involving the aspect which seemed to me to be the most significant one in the transition from the face-to-face attendance to the distance one. At this part, I point out my impression of a significant change in the spectrum of resources that constitute my analytic function, which I synthesize as a decrease in the presence of available emotional experiences and a marked increase in the use of intuitions.

Keywords: online psychoanalytic attendance, emotional experience, intuition

Referências

- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. Zahar Editora. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1970). *Experiências com grupos*. Imago. (Trabalho original publicado em 1943-1951)
- Bion, W. R. (2004). *Transformações*. Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2007). *Atenção e interpretação*. Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1981). *A key to "A memoir of the future"*. Clunie Press.
- Mattos, J. A. J. (2018a). Impressões de minha análise com Dr. Bion. In *Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion e outros trabalhos* (pp. 19-74). Blucher. (Trabalho original publicado em 1981)
- Mattos, J. A. J. (2018b). Impressões de minha análise com Dr. Bion: comentários do autor. In *Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion e outros trabalhos* (pp. 75-118). Blucher. (Trabalho original publicado em 1981)
- Ogden, T. (2020). Psicanálise ontológica ou "O que você quer ser quando crescer?". *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 23-48.

João Carlos Braga

Endereço: Rua José Antoniassi, 320. Curitiba/PR.
 CEP: 80810-170
 Tel.: (41) 3335-0643
 E-mail: bragajc43@gmail.com